

GRADES EM TRANSGRESSÃO



OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

proex
pró-reitoria de extensão


UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA


ARAUCARIA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO PARA O PARANÁ


Seti
Secretaria de Estado da Ciência,
Tecnologia e Ensino Superior


universidade
sem fronteiras


PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

PROJETO GRÁFICO:

LOGO DO PROJETO: Caroline de Oliveira Costa.

CAPA: Emily Maria Costa, Caroline de Oliveira Costa.

Design realizado no CANVA.

FOTOGRAFIA DA CAPA: DEPEN- PR.

CONTRACAPA: Emily Maria Costa, Caroline de Oliveira Costa.

Design realizado no CANVA.

ILUSTRAÇÃO DA CONTRACAPA: autoria das mulheres em situação de privação de liberdade da Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina durante a oficina "Racialidade: confecção de boneca Abayomi"

CAPA DOS CAPÍTULOS: Design realizado no CANVA utilizando inteligência artificial.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grades em transgressão [livro eletrônico]:

oficinas pedagógicas para mulheres em situação de privação de liberdade / organização Muriel Luvison Nunes da Silva, Emily Maria Costa, Margarida de Cássia Campos. --

Londrina, PR: Ed. dos Autores, 2024.

PDF

Várias colaboradoras.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-13574-8

1. Educação 2. Inclusão social - Brasil

3. Mulheres - Aspectos sociais 4. Presidiárias -

Condições sociais 5. Sistema prisional I. Silva;

Muriel Luvison Nunes da. II. Costa, Emily Maria.

III. Campos, Margarida de Cássia.

24-224743

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Sistema Prisional: Educação social 370.115

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

GRADES EM TRANSGRESSÃO: OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Organizadoras

Muriel Luvison Nunes da Silva

Emily Maria da Costa

Margarida de Cássia Campos

Colaboradoras responsáveis pelas oficinas

Muriel Luvison Nunes da Silva- Mestra em Educação

Ana Julia Ferreira Oliveira- Graduanda em Psicologia

Isabela Spagolla- Assistente Social

Victoria Zaupa Montini- Mestranda em Geografia

Julia Sanches Lobato- Psicóloga

Emily Maria Costa- Graduanda em Serviço Social

Emanuelly Barbalho da Silva- Graduanda em Psicologia

Caroline de Oliveira Costa – Graduanda em Artes Visuais

Ana Beatriz Alves de Sousa – Graduanda em Ciências Sociais

Jeniffer Seles de Oliveira- Graduanda em Psicologia

Alícia Gomes dos Santos- Graduanda em Artes Visuais

Sandra Barbosa de Souza- Graduanda em Pedagogia

Karen Aparecida da Cunha Silva- Graduanda em Geografia

Aline Cristina Bandeira de Oliveira: mestranda em Educação

Professoras/es orientadores e comissão científica

Ângela Maria de Sousa Lima- Departamento de Ciências Sociais/UEL

Carla Juliana Galvão Alves- Departamento de Artes Visuais/UEL

Jefferson Olivatto da Silva- Departamento de Psicologia/UEL

Margarida de Cássia Campos-Departamento de Geografia/UEL

Marleide Rodrigues da Silva Perrude- Departamento de Educação/UEL

Olegna de Souza Guedes- Departamento de Serviço Social/UEL

Patrícia Fernandes de Paula Shinobu- Departamento de Geografia/UEL

Jeani Delgado Paschoal Moura- Departamento de Geografia/UEL

SUMÁRIO

FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS	8
OFICINA 1: DINÂMICA DO BARBANTE: O PENSAMENTO POR UM FIO	9
OFICINA 2: ÁRVORE DOS SONHOS	10
REFLEXÕES POLÍTICAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE VIDA	12
OFICINA 3: TRABALHO E RENDA	13
OFICINA 4: PROTAGONISMO FEMININO	15
OFICINA 5: EXPECTATIVAS, RECEIOS E COMPROMISSOS	18
OFICINA 6: CONSCIÊNCIA COTIDIANA	20
ARTE, SENSIBILIDADES E PERSPECTIVAS CRÍTICAS	22
OFICINA 7: RACIALIDADE – CONFECÇÃO DAS BONECAS ABAYOMI	23
OFICINA 8: ESCREVIVÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS	25
OFICINA 9: ENCADERNAÇÃO E SÍMBOLOS ADINKRA DOS POVOS DE GANA	28
OFICINA 10: SANKOFA - TENDA DA RESSIGNIFICAÇÃO	30
OFICINA 11: QUIZ - CONHECIMENTOS SOBRE SAÚDE MENTAL	33
CULTURAIS: INTEGRAÇÃO E CONFRATERNIZAÇÃO	35
OFICINA 12: CINE DEBATE: AmarElo - É TUDO PRA ONTEM	36
OFICINA 13: CULTURAL I: CONFRATERNIZAÇÃO DE FINAL DE ANO	38
OFICINA 14: BATUCADA - PERCUSSÃO ENQUANTO MEIO DE EXPRESSÃO, REIVINDICAÇÃO E LIBERTAÇÃO SOCIAL	39
OFICINA 15: CULTURAL II – FECHAMENTO	41
NOSSAS REDES	43
APOIO	43

PREFÁCIO

A importância de ressocializar pessoas privadas de liberdade por meio da educação é significativa e indispensável. A educação desempenha um papel primordial na transformação de vidas e na reintegração social, oferecendo uma gama de benefícios. A inclusão e a ressocialização de mulheres encarceradas são aspectos cruciais para garantir justiça social e uma reabilitação eficaz, oferecendo o suporte necessário para a reintegração na sociedade.

Programas como o ofertado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), intitulado “Grades em Transgressão: novos horizontes de inclusão e inovação social para mulheres”, realizado na Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, Paraná, visam essa ressocialização e inclusão, ajudando a preparar essas mulheres para a vida fora do sistema prisional.

Esse programa oferece educação e apoio psicológico por meio de oficinas ministradas por acadêmicas da UEL. Iniciativas como essa não apenas ajudam a reduzir a reincidência, mas também promovem uma transição mais suave para a sociedade.

Por meio de ações como essas, que incluem programas de reabilitação e suporte contínuo, as mulheres têm maiores chances de desenvolver habilidades e comportamentos que as ajudem a evitar futuras infrações. Esses programas não apenas contribuem para a segurança pública, mas também para a redução dos custos associados ao encarceramento. Além disso, a inclusão social e a ressocialização ajudam as mulheres a recuperar a autoestima e a confiança para construir uma vida independente e produtiva.

Passos como esses são fundamentais para que as pessoas privadas de liberdade possam enxergar esperança e compreender que seus erros foram pagos. Eles permitem que essas mulheres possam vislumbrar um futuro diferente e mais promissor.

Outro aspecto importante da ressocialização é o reflexo na diminuição da reincidência criminal. Pessoas que passam pelo sistema prisional e têm a oportunidade da ressocialização através da educação dificilmente voltam a cometer crimes.

Daniella Carneiro Perry Diz
Pedagoga do Conselho da Comunidade
Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina, Paraná

APRESENTAÇÃO

O projeto “Grades em Transgressão: novos horizontes de inclusão e inovação social para mulheres” constitui-se em um projeto de extensão, com atividades desenvolvidas entre setembro de 2023 e agosto de 2024, vinculado à Universidade Estadual de Londrina e financiado pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI), como parte do Programa Universidade Sem Fronteira (USF). O projeto é organizado por meio de uma rede multidisciplinar de profissionais com o objetivo de romper com os ciclos de desigualdades vivenciados pelas mulheres em situação de privação de liberdade na Cadeia Pública Feminina do município de Santo Antônio da Platina/PR.

Durante a atuação, o projeto teve como objetivo promover ações voltadas à inclusão e à reinserção social de mulheres privadas de liberdade, por meio de atividades capazes de tornar o processo de cumprimento da pena mais humanizador. O projeto visa fomentar a construção de uma rede integrada de apoio para potencializar a formação educacional, a inclusão digital, profissional, política e artística/cultural/musical, com o objetivo de proporcionar atos de fortalecimento e garantias de direitos à dignidade humana, equidade de gênero e raça, autoestima, empoderamento, autonomia e inovação social.

Para atender à formação educacional, política, cultural/artística e crítica-reflexiva, desenvolvemos quinzenalmente oficinas pedagógicas, utilizando diversos temas e linguagens para problematizar as histórias de vida das mulheres atendidas, suas necessidades, desejos e demandas. Buscamos romper com estigmas que as impedem de ocupar espaços de valorização, reconhecimento e respeito na sociedade. As temáticas abordadas nas oficinas propostas são de integração, desenvolvimento cognitivo, cultural, social, político e sensível.

Dessa maneira, o intuito desta cartilha é apresentar o roteiro de todas as oficinas pedagógicas ministradas no projeto, com o objetivo de demarcar a potencialidade de tais ações para reflexões críticas e, acima de tudo, oportunidades de valorização e reconhecimento das vivências de mulheres em situação de privação de liberdade. Para tanto, descrevemos as formas de sensibilização, os objetivos, o percurso metodológico, os materiais necessários, as possíveis reflexões e as principais referências bibliográficas que foram importantes para criar as oficinas. A propriedade intelectual das oficinas é das colaboradoras do projeto, com supervisão direta da pedagoga e mestra em Educação Muriel Luvison Nunes da Silva e dos/as professores/as

doutores/as orientadores/as: Jefferson Olivatto da Silva, Marleide Rodrigues da Silva Perrude, Margarida de Cássia Campos, Carla Juliana Galvão Alves e Olegna de Souza Guedes.

As oficinas pedagógicas foram resultado de um planejamento participativo, onde as mulheres da unidade tiveram um papel ativo na apresentação de suas necessidades e interesses. Por meio de diálogos e interações, foi possível adaptar as temáticas das oficinas de forma a responder às demandas do grupo. Porém, para a presente obra, realizamos a disposição das oficinas em quatro temas: 1) Fortalecimento de vínculos; 2) Arte, sensibilidades e perspectivas críticas; 3) Políticas sobre as experiências de vida; e 4) Culturais: integração e confraternização.

Todas as atividades pedagógicas desenvolvidas neste projeto foram organizadas para um grupo de pessoas em uma região e projeto específicos. Salientamos, então, que as oficinas pedagógicas devem ser readaptadas para outros contextos, mantendo suas potencialidades, de modo a servir como uma ferramenta potente para a promoção de processos de ressocialização e inclusão social.

Não cabe a esta proposta de cartilha de ações pedagógicas determinar uma ordem universal de atividades pedagógicas para mulheres em situação de privação de liberdade, mas sim servir como uma fonte de inspiração para ações que podem ser realizadas com esse grupo social.

Profa Dra Margarida de Cássia Campos
Docente no Departamento de Geografia
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

FORTALECIMIENTO DE VÍNCULOS



OFICINA 1: DINÂMICA DO BARBANTE: O PENSAMENTO POR UM FIO

Colaboradora responsável: Emanuely Barbalho da Silva

Tempo estimado: entre 1h e 1h30

Sensibilização

Música de sugestão: “Dona de mim” por Iza

Objetivos

- Desconstruir o desconforto na sociabilidade entre asicineiras e as mulheres em situação de privação de liberdade (essa oficina deve ser a primeira a ser ministrada);
- Conhecer o nome de cada uma das participantes;
- Estimular olhares para si e para o coletivo;
- Fortalecer vínculos.

Materiais:

- Rolo de barbante e fitas crepe.

Metodologia

Com o rolo de barbante em mãos, uma das facilitadoras pediu para que todas as participantes formassem um círculo. Neste momento, colocamos a música recomendada para preparar o ambiente de forma descontraída, até que todas as pessoas se organizassem em círculo. Para dar início a dinâmica, as facilitadoras pegaram a ponta do barbante e amarraram no dedo indicador.

Uma participante inicial se apresentou, dizendo seu nome, idade, um fato interessante sobre si, uma mulher que admirava, emoções ou sentimentos que desejava destacar e qual situação manifestou aquele sentimento. Em seguida, o rolo do fio de lã foi entregue à próxima participante, que compartilhou as mesmas informações requeridas da primeira pessoa até que chegamos à última participante, formando uma rede de fios entre todas as mulheres.

Reflexão Final

Essa oficina criou uma atmosfera de confiança e aprimorou as relações entre as mulheres que estavam em situação de privação de liberdade e asicineiras. No que se refere à lógica da teia construída entre elas, isso remeteu aos percursos em comum, às memórias e lembranças dos sentimentos que reafirmaram a conexão entre elas. Com essa oficina, cada participante pôde refletir sobre o caminho já percorrido e como ele se conecta a outras vivências e histórias, inclusive dasicineiras, despertando para o fortalecimento dos vínculos.

Referências

TOMBOLATO, Mariana. Dinâmica do novelo de barbante para a integração dos professores. **Sala da Coordenadora**, [2024]. Disponível em: <https://saladaordenadora.com.br/site/dinamica-do-barbante/>. Acesso em: 13 set. 2023.

OFICINA 2: ÁRVORE DOS SONHOS

Colaboradora responsável: Ana Julia Ferreira de Oliveira e Victoria Zaupa Montini.

Tempo estimado: 1h

Sensibilização

Para iniciar, lemos em voz alta o poema “A esperança”, de Augusto dos Anjos. Em seguida, questionamos as mulheres sobre suas impressões do poema e como se sentiram ao ouvi-lo.

Objetivos

- criar uma aproximação e fortalecer os vínculos entre as participantes das oficinas e a equipe do projeto;
- permitir o manejo de expectativas e o reconhecimento de demandas.

Materiais

- Papel colorido; Canetas/Canetinha; Fita crepe; Cartolina (árvore recortada e montada); Caixa de som; Notebook (música); Produtos de higiene; Retalhos; fita larga transparente ou dupla face.

Metodologia

- **Acolhimento:** assim que o grupo chegou, iniciamos com uma sessão de alongamentos simples, ao som de música de fundo, para incentivar o movimento corporal e preparar as participantes para a dinâmica seguinte.

Em seguida, começamos a discussão com alguns questionamentos, como: Vamos falar dos nossos sonhos e objetivos? Os sonhos são importantes para nós? Por que? Vamos construir uma árvore dos sonhos juntas?

Deixamos claro o objetivo da ação, que era conhecer melhor a nós mesmas e umas às outras. Explicamos que “nossa árvore teria o seguinte significado: copa da árvore representaria nossos sonhos (onde queremos chegar), o tronco o percurso para atingi-los e as raízes aquilo que precisaríamos para alcançá-los”.

- **Sobre a copa:** explicamos que cada participante colocaria nos cartões, em formato de folhas, os objetivos que gostaria de alcançar, seja na vida, ao final da sentença ou durante o período privado de liberdade. As participantes escreveram quantos cartões desejavam, e as facilitadoras ajudaram a agrupar objetivos parecidos em um mesmo galho ou galhos próximos.
- **Sobre as raízes:** explicamos que as raízes são a parte da árvore que busca na terra os nutrientes e a água necessários para seu pleno crescimento e desenvolvimento. Por analogia, as participantes colocaram nos cartões de raízes o que acreditavam ser necessário para alcançar seus objetivos, refletindo sobre o que poderiam buscar como apoio.
- **Sobre o tronco:** explicamos que o tronco sustenta a árvore e que, muitas vezes, ele possui arranhões e buracos. Falamos sobre os parasitas que se agarram ao tronco, impedindo seu desenvolvimento, e como esses representavam os desafios que precisávamos enfrentar para alcançar nossos objetivos. O tronco,

então, simbolizou o projeto em si, o plano de ação que considerou esses desafios.

As facilitadoras estimularam as participantes a responderem questões como: Quais desafios poderemos enfrentar para alcançar nossos objetivos? Quais as principais dificuldades e grandes problemas que nos impedem de alcançar nossos sonhos?

Reflexão final

A “Árvore dos Sonhos” é uma metodologia participativa para o levantamento de demandas, expectativas, desafios e enfrentamentos no decorrer do projeto. Quando a árvore ficou pronta, as facilitadoras resumiram para o grupo os sonhos levantados, os principais insumos identificados para alcançar os objetivos e os desafios apontados. Em seguida, convidaram as participantes a avaliar o resultado com perguntas como: “Vocês se sentem representadas por essa árvore? Como foi para vocês realizarem essa atividade?” Ao final, as facilitadoras informaram as participantes que os próximos encontros seriam planejados levando em consideração os resultados da árvore dos sonhos. A árvore foi exposta no local das atividades para que todas pudessem sempre se remeter às expectativas que desenhamos juntas.

Figura 1: “Árvore dos sonhos”.



Foto: DEPEN-PR (2024).

Referências

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
 Árvore dos Sonhos. **Colégio Carlos Drummond de Andrade**, Diadema, [2023]. Disponível em: <https://www.cdda.com.br/arvore-dos-sonhos>. Acesso em: 12 set. 2023.

REFLEXÕES POLÍTICAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE VIDA



OFICINA 3: TRABALHO E RENDA

Colaboradora: Emanuely Barbalho da Silva e Victoria Zaupa Montini.

Tempo estimado: 1h

Sensibilização

Música sugerida: Levanta e Anda - Emicida

Objetivos

- Compreender a importância do trabalho e da renda;
- Explorar discussões sobre diferentes formas de trabalho;
- Compartilhar ideias e experiências.

Materiais

- Caixa de som – música; Notebook; Quadro de giz; Giz.

Metodologia

Organizamos uma roda de conversa com os seguintes questionamentos:

- a) A partir da letra da música, qual tema vocês acham que vamos trabalhar hoje?
- b) Tendo como ponto de partida a letra da música, vocês acreditam que todas as pessoas possuem as mesmas oportunidades na vida?
- c) Quando você escuta a palavra “trabalho”, qual a palavra/frase que vem à mente?

Após tais questionamentos, iniciamos a segunda etapa. Escrevemos no quadro a palavra “TRABALHO” e, com base nas respostas das participantes, fomos realizando mais perguntas e escrevendo no quadro, até formar uma nuvem de palavras.

Perguntas realizadas:

- a) Como vocês enxergam o papel do trabalho em suas vidas?
- b) Quais habilidades ou interesses vocês têm que poderiam ser explorados profissionalmente?
- c) Vocês já tiveram alguma experiência de trabalho antes? Se sim, o que aprenderam com essa experiência?
- d) Como o trabalho pode contribuir para a construção de um futuro mais positivo após o período de reclusão?
- e) Quais desafios vocês imaginam encontrar ao procurar trabalho após a liberdade?
- f) Quais são os diferentes tipos de trabalho que vocês conhecem ou já tiveram contato?
- g) Como vocês veem a diversidade de oportunidades de trabalho disponíveis?
- h) Existem áreas específicas de trabalho que despertam interesse ou curiosidade em vocês?
- i) Como as habilidades que vocês têm se alinham com diferentes setores profissionais?

Em um terceiro momento, discutimos sobre os possíveis trabalhos que as mulheres desejam ter no futuro, apontando algumas características, como as habilidades necessárias, salário estimado, jornada semanal e desafios. Com base nessa perspectiva, abrimos espaço para a discussão sobre novas formas de trabalho, como *Influencer*, empreendedora de pequenos negócios, criadora de arte/tatuadora, entre outros.

Reflexão final

Durante a oficina, exploramos a importância do trabalho e da renda, refletindo sobre como esses elementos influenciam as vidas das participantes. Discutimos sobre as diversas formas de trabalho, as habilidades que cada uma possui e os desafios que enfrentamos ao procurar emprego. Também reconhecemos a importância de valorizar trabalhos não convencionais, além da necessidade de considerar não apenas o aspecto financeiro, mas também a realização pessoal ao buscar uma ocupação. A oficina também gerou reflexões críticas sobre os processos de exploração da força de trabalho feminina e negra em uma sociedade capitalista, patriarcal e racista, proporcionando um espaço para que as participantes analisassem suas próprias vivências e dificuldades no mercado de trabalho dentro desse contexto estrutural.

Referências

RODRIGUES, Ariana; YASUI, Silvio. Oficinas de geração de trabalho e renda na atenção psicossocial: reflexões sobre um equipamento e suas produções de cuidado. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 1-23, 2016.

OFICINA 4: PROTAGONISMO FEMININO

Colaboradora responsável: Ana Julia Ferreira Oliveira

Tempo estimado: 1h

Sensibilização

Recomendação de músicas que apresentam o protagonismo feminino.

Objetivo

- Identificar e debater relações de poder baseadas em gênero e outras formas de dominação/opressão, com ênfase na ação das mulheres, tanto individual quanto coletivamente, para a conquista de uma consciência crítica sobre os processos de opressão e a gestão autônoma de suas vidas.

Materiais

- Jogo de cartões (os cartões foram confeccionados com os textos reproduzidos abaixo; podem ser impressos). As folhas foram cortadas de modo que cada pedaço de papel contenha apenas um dos textos.
- Fita crepe; Pincéis coloridos; Caixa de som; dois cartazes (tamanho papel sulfite), um escrito “EMPODERAMENTO”, e outro “DESEMPoderAMENTO”.

Metodologia

1. Exposição de cartazes na parede

A facilitadora afixou na parede dois cartazes com as palavras “Empoderamento” e “Desempoderamento”.

2. Apresentação do tema

O grupo foi informado sobre o tema do dia para *conversa*: Protagonismo das mulheres. A facilitadora apresentou perguntas provocativas, não para serem respondidas de imediato, mas como guia para reflexão e discussão ao longo da conversa:

- As mulheres precisam de poder? Por que?
- As mulheres gostam de poder?
- O que é poder?
- O que é empoderamento/protagonismo das mulheres?

3. Escrita/desenho sobre a falta de poder

Cada participante recebeu um pedaço de papel em branco e foi convidada a escrever ou desenhar uma situação em que já se sentiu **SEM** poder.

4. Criação do Mural

Após terminarem, as participantes fixaram suas respostas na parede, formando um mural coletivo.

5. Compartilhamento das escritas/desenhos

A facilitadora leu o conjunto de respostas em voz alta para o grupo.

6. Abertura para comentários

A facilitadora abriu o espaço para comentários, perguntando se alguém gostaria de comentar sobre algum dos cartões, seja o próprio ou o de uma companheira.

7. Comentários sobre as respostas

A facilitadora fez um breve comentário sobre o conjunto de respostas apresentadas.

8. Escrita/desenho sobre poder

O processo foi repetido com um novo pedaço de papel em branco, no qual as mulheres escreveram ou desenharam uma situação em que já se sentiram COM poder.

9. Criação do segundo mural

Assim como antes, as respostas foram fixadas na parede, e o mural foi construído.

10. Abertura para comentários

Novamente, a facilitadora abriu para comentários sobre *os cartões convidando as participantes a refletirem sobre as respostas, próprias ou de outras*

11. Comentário final sobre as respostas

A facilitadora teceu breve comentário sobre o conjunto de todas as respostas, tanto relacionadas ao “**EMPODERAMENTO**” quanto ao “**DESEMPoderAMENTO**”.

12. Explicação sobre empoderamento e protagonismo

A facilitadora finalizou com uma breve explicação sobre o que é protagonismo e empoderamento, destacando que essas ações estão ligadas à consciência coletiva das mulheres e são constituídas por atitudes que combatem o sexismo e a interiorização baseada no gênero.

Reflexão final

Retirar os cartões com as situações de empoderamento/não empoderamento para verificar a construção do conhecimento quanto o entendimento do assunto e disponibilizar exemplos práticos de histórias de vida para ampliar o debate e a discussão.

Figura 2: Oficina Protagonismo das Mulheres



Foto: Depen-PR (2023)

Referências

PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. **Idéias e dinâmicas para com gênero**. Recife: SOS Corpo, 1998.

OFICINA 5: EXPECTATIVAS, RECEIOS E COMPROMISSOS

Colaboradora responsável: Ana Julia Ferreira Oliveira.

Tempo estimado: 1h

Sensibilização

Recomendação de músicas que as mulheres gostam

Objetivos

- Negociar coletivamente os interesses individuais que poderão ser contemplados pelo projeto.
- Definir as atitudes que deverão ser assumidas tanto pelas participantes quanto pelas mediadoras, garantindo que todas as atividades sejam bem-sucedidas.

Materiais

- Quadro de giz; Papel sulfite para resposta; Canetas; Cartolina branca

Metodologia

No início das atividades, apresentamos a proposta da oficina do dia, esclarecendo o objetivo e dando ênfase nas necessidades de participação ativa de todas para que a atividade fosse executada.

No segundo momento, distribuimos 3 papéis (metades de folhas A4) para cada participante e solicitamos que aguardassem as instruções.

Em seguida, escrevemos no quadro as seguintes questões:

- a) Quais são/eram suas expectativas em relação às atividades propostas pelo projeto?
- b) Quais os seus receios em relação ao desenvolvimento do projeto?
- c) O que você gostaria de aprender com as atividades propostas pelo projeto?

Em um terceiro momento, pedimos para escreverem as respostas nos papéis que receberam, sem identificação dos nomes;

Em um quarto momento, recolhemos as respostas e realizamos a leitura e discussão dos assuntos apresentados pelas mulheres.

Em um quinto momento, após a finalização dessa etapa, a equipe fez as seguintes perguntas de forma verbal:

- a) Que atitudes você e o grupo devem ter para o bom andamento das oficinas?
- b) Que atitudes a equipe deve ter durante a atividade?

Por fim, garantimos que todas as participantes respondessem abertamente sobre as atitudes esperadas de cada participante e/ou coletivo, visando alcançar os objetivos propostos, atender às expectativas e desejos, e para reduzir os receios.

Reflexões finais

Ao final da oficina, foi escrita no quadro a palavra **COMPROMISSOS**, e as mediadoras promoveram uma discussão sobre os acordos que foram estabelecidos claramente. Esses compromissos foram anotados em uma cartolina, que agora serve como um registro visível para atividades futuras. Os compromissos refletem

a consideração pelo respeito, pela participação de todos e pelas limitações da instituição. A cartolina foi fixada na sala de aula, permitindo que todas possam constantemente se lembrar do que foi acordado

Referências

PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. **Ideias e dinâmicas para trabalhar com gênero**. Recife: SOS Corpo, 1998.

OFICINA 6: CONSCIÊNCIA COTIDIANA

Colaboradora responsável: Alícia Gomes dos Santos.

Tempo estimado: Dois encontros. Tempo a depender do engajamento do grupo

Sugestão de música: Mágico de Oz dos Racionais MC's

Sensibilização

Essa oficina teve como foco propiciar e estimular as mulheres a refletirem sobre a consciência existencial com os espaços com os quais elas se relacionam, além da arte consumida por moradores da periferia, sendo esta linguagem artística a poesia musical.

Partimos de reflexões críticas que usam a narrativa de vivências periféricas como meio de reflexão sobre a sociedade em que vivemos. A sugestão de música “Mágico de Oz”, do grupo Racionais MC's, teve o potencial para refletir sobre as intersecções de raça, território periférico e classe na experiência humana, que posiciona alguns corpos em situações de opressão e violência.

Objetivos

- Incentivar as mulheres privadas de liberdade a refletirem sobre consciência existencial, proporcionando uma experiência de olhar para o seu próprio cotidiano e usar da arte para se expressar e ser ouvida pela sociedade;
- Proporcionar uma experiência artística com a junção da sonoplastia arte plástica e poesia.

Materiais

- Folhas A4; Barra de Grafite Integral; Tinta guache preta; 2m de tecido cru

Metodologia

Por meio da audição da música sugerida e da leitura de sua letra, realizamos uma roda de conversa para debater, refletir e destacar os pontos marcantes desta poesia/música, além de analisar a forma como é apresentada, os meios linguísticos (gírias periféricas) utilizados e a descrição da realidade de intensas desigualdades. A música foi trabalhada como meio artístico para denunciar abusos e evidenciar processos de opressão e violência.

Em um segundo momento entregamos folhas de sulfite A4 para as mulheres e solicitamos que elas realizassem suas produções em grupo ou individualmente, a partir dos debates realizados, registrando frases e/ou desenhos nas folhas de sulfite. A ideia era que tais expressões artísticas fossem transportadas para o tecido no próximo encontro.

A segunda oficina começou com a retomada dos objetivos da oficina anterior, resgatando os conhecimentos produzidos. Em seguida, solicitamos que as artes realizadas nas folhas de sulfite fossem dispostas no tecido estendido no chão. Entregamos a tinta guache e solicitamos que as mulheres usassem os dedos para pintar o tecido, seguindo ou não o que tinham feito no papel sulfite. Por último colocamos o tecido em um lugar ensolarado para secar.

Reflexão Final

As reflexões finais destacaram que o racismo é agressivo, porque agride corpos negros, e que o sistema carcerário é criminoso porque rouba sonhos, liberdade e a dignidade. Nessa sociedade racista, infelizmente desde a infância, crianças pretas são frequentemente estigmatizadas pela polícia e instituições educacionais, sendo acusadas injustamente de criminalidade.

As mulheres participantes reconheceram como a mídia, incluindo televisão e cinema, perpetuam a imagem negativa de pessoas negras como criminosas, levando muitos a acreditar nesses estereótipos. Sendo assim o povo negro tem tomado de volta aquilo que lhe foi roubado, na busca de ressignificar a história sobre sua existência.

A partir dessas reflexões, as mulheres puderam compreender que múltiplos sistemas de opressões atuam de forma combinada, dificultando que seus corpos sejam reconhecidos no contexto da justiça social e do bem viver. Ao compartilhar tais reflexões, acreditamos que as mulheres em situação de privação de liberdade conseguiram produzir reflexões críticas sobre como o capitalismo, o patriarcalismo e o racismo afetam suas existências.

Figura 3: Tecido pintado pelas mulheres



Foto: Depen-PR (2024)

Referências

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014
 KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

ARTE, SENSIBILIDADES E PERSPECTIVAS CRÍTICAS



OFICINA 7- RACIALIDADE – CONFECCÃO DAS BONECAS ABAYOMI

Colaboradora responsável: Aline Cristina Bandeira de Oliveira.

Tempo estimado: depende do engajamento do grupo

Sensibilização

Esta oficina foi desenvolvida a partir do curta-metragem “Marias do Sul” (Roteirização de Aline Cristina Bandeira de Oliveira e direção de Fran Camilo), que contribuiu para a discussão sobre a construção de narrativas baseadas no conceito de escrevivências, desenvolvido pela escritora Conceição Evaristo.

O “Marias do Sul” também foi fundamental para discutir a produção artística negra londrinense, culminando na oficina de criação das bonecas de Abayomi, pontuando a valorização e as referências às mulheres e histórias negras.

Objetivos

- Refletir sobre a contribuição das mulheres negras na sociedade brasileira;
- Propor discussões acerca da representatividade feminina e negra;
- Promover um espaço de discussão, criatividade e construção artística por meio da confecção de bonecas Abayomi.

Materiais

- Datashow; Caixa de som; Tecido preto e colorido; Tesoura

Metodologia

A oficina foi desenvolvida com a seguinte estrutura.

- Apresentação das atividades que seriam realizadas;
- Contação de histórias utilizando o livro Amoras, do rapper Emicida;
- Organização de uma roda de conversa com o tema central na representatividade de mulheres negras nos mais diversos âmbitos da sociedade;
- Explicação sobre o processo de confecção da boneca Abayomi;
- Encerramento por meio de um diálogo crítico sobre as histórias associadas à boneca

Reflexão Final

Tanto o filme “Marias do Sul” quanto a confecção da boneca Abayomi tiveram como objetivo estimular a construção e percepção de memórias afetivas.

Nos discursos relatados, foi possível perceber o quanto as participantes se sentiram tocadas pelo tema do curta-metragem e pelas dificuldades enfrentadas por mulheres negras na sociedade brasileira. A confecção da boneca Abayomi complementou o documentário, proporcionando a oportunidade de construir uma espécie de amuleto, com cores, nós, esperanças e desejos que pulsaram nas mãos de cada pessoa envolvida. Embora fosse um trabalho individual, também foi um processo coletivo, porque as participantes se ajudavam e comparavam a estética das roupas e seus formatos, percebendo também as especificidades nas

cores escolhidas, na forma de vestir a boneca e em seus adereços. Assim, foi possível perceber que cada pessoa carrega consigo uma Abayomi e, ao construir a boneca, imprime nela suas características pessoais. Além disso, muitos relatos de saudade dos familiares foram pontuados após a exibição do documentário *Marias do Sul*, que, apesar de tratar sobre a memória, apresentou a vida familiar de 3 mulheres negras.

Figura 4: Abayomis construídas na oficina



Foto: Depen-PR (2024)

Referências

- ALMEIDA, Sílvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 9, p. 38-47, 2002.
- MARIAS DO SUL: ancestrais do futuro. Direção: Fran Camilo. Londrina: DDB7 Produções, 2023. 1 vídeo (7 min 55). Publicado pelo canal Enfrente. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3K0meid_6yo. Acesso em: 23 mai. 2024.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**. Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.

OFICINA 8: ESCREVIVÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS

Colaboradora responsável: Emanuely Barbalho da Silva

Tempo estimado: dois encontros de cerca de 1 uma cada

Sensibilização

Primeiro encontro - Leitura de trechos do livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus.

Segundo encontro - Leitura de um ou mais capítulos do livro “Encarceradas: Quando a Estrela de Natal não Brilha”, escrito por mulheres da Cadeia Pública de Londrina.

Objetivos

- Explorar as narrativas de escrevivências presentes na obra de Maria Carolina de Jesus, correlacionando-as com os debates realizados por Conceição Evaristo. O foco é destacar as experiências das mulheres e incentivar as participantes a expressarem suas próprias vivências por meio da escrita.
- Correlacionar as escrevivências de Conceição Evaristo com as histórias do livro escrito por mulheres na Cadeia Pública de Londrina, que retratam a luta, resistência e empoderamento das mulheres negras. Por último, incentivar as participantes a refletirem sobre suas próprias jornadas de superação e força.

Materiais

- Papel almaço e lápis ou caneta.

Metodologia

Ação de acolhimento:

Primeiro encontro - Foi realizada a apresentação e leitura do livro “Quarto de despejo”. O livro foi passado de mão em mão entre as participantes, e, em seguida, a oficina fez a leitura em voz alta, destacando as perguntas feitas pela autora no final da obra.

Segundo encontro – Foi apresentada a leitura de um capítulo do livro “Encarceradas: Quando a Estrela de Natal não Brilha”, escrito por mulheres da Cadeia Pública de Londrina.

Na primeira oficina, após ler trechos da obra de Maria Carolina de Jesus, exploramos a obra de Conceição Evaristo. Como exemplo, foi realizada a leitura em voz alta do poema intitulado “**Vozes -mulheres**”.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado

rumo à favela
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue e fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

Após a leitura do poema, foram levantados questionamentos e reflexões sobre quais são os sentimentos e emoções que surgiram nas participantes ao ouvirem o poema.

Na segunda oficina, após a leitura de alguns capítulos do livro escrito pelas mulheres participantes, exploramos alguns trechos de falas/escritas de Conceição Evaristo, retirados do site “O Pensador”.

“Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida.”

“A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.”

“Escrevo a partir de um espaço onde a linguagem é fio condutor da memória, da história, da cultura. A palavra é a matéria prima para a construção das identidades, das subjetividades, das emoções”.

Baseando-se nas falas de Conceição Evaristo, as participantes foram convidadas a escrever sobre uma experiência pessoal relacionada à sua identidade e vivência como mulher, como mãe, como filha ou como reclusa. Ao terminarem de escrever, elas foram incentivadas a compartilhar suas escritas com as demais, para que pudessem se conectar com as experiências de Evaristo. O encerramento ocorreu com o encorajamento das mulheres a continuarem explorando e expressando suas próprias escrevivências.

Reflexão Final

A oficina sobre escrevivências proporcionou um espaço de profunda reflexão e expressão autêntica, inspirado pelo conceito revolucionário de Conceição Evaristo. Ao explorar suas próprias experiências por meio da escrita, as participantes mergulharam em uma jornada de autoconhecimento e valorização de si, reconhecendo a importância de suas vozes e narrativas. Por meio do compartilhamento e da conexão com as experiências de outras mulheres, a oficina se tornou um lugar de solidariedade e fortalecimento mútuo, incentivando-as a continuar explorando e expressando suas escrevivências de forma autêntica e corajosa.

Referências

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 7 maio 2024. Acesso em: 7 maio 2024.

ESCREVIVÊNCIA: O que é? | Conceição Evaristo e a literatura feita por Mulheres Negras. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (10 min 34). Publicado pelo canal Negras Escrituras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MtxzhBAXo9Y>. Acesso em: 4 jun. 2024.

URSI, Soraya Soria Salles; CHAGA, Juliana Maria de Camargo; SILVA, Cecilia Teixeira (org).

Encarceradas: quando a estrela de Natal não brilha. Curitiba: Editora CRV, 2022.

OFICINA 9: ENCADERNAÇÃO E SÍMBOLOS ADINKRA DOS POVOS DE GANA

Colaboradora responsável: Alícia Gomes dos Santos.

Tempo estimado: Entre 45 minutos a 1h

Sensibilização

Apresentação do Livro “Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos”, escrito por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá.

Objetivos

- Explorar diferentes formas de anotação, utilizando símbolos para se comunicar;
- Compartilhar ideias e experiências por meio das escritas africanas;
- Motivar o trabalho em grupo.

Materiais

- Papel sulfite; Tecido; Papel paraná; fita de cetim; Lápis de cor

Metodologia

Devido à dificuldade de liberação de tesouras em sistema penitenciário, cortamos as folhas de papel sulfite ao meio antes das oficinas, para que servissem como folhas para o caderno. Para as capas, utilizamos o papel Paraná, que também foi cortado antes do início da oficina.

Outra etapa que produzimos antes da oficina foi furar as folhas e as capas, de modo que, para as mulheres, o trabalho ficou apenas em montar o caderno.

Durante a oficina, iniciamos com a organização de uma roda de conversa, com o intuito de saber se já tinham tido contato anterior com cadernos artesanais e para que servissem.

Depois, passamos para a explicação da natureza dos símbolos Adinkras, onde abordamos a origem e a finalidade deles. Por último, focamos no símbolo “Sankofa”, explicando sua filosofia de força e resistência. Após esse diálogo, distribuímos os materiais e explicamos como amarrar o cetim para juntar as folhas sulfites com as capas e formar o caderno.

E, por último, solicitamos às mulheres que escolhessem um símbolo Adinkra que mais chamasse a atenção e o reproduzissem no caderno.

Reflexão Final

Concluimos que essa oficina foi fundamental para conectar as mulheres aos conhecimentos ancestrais e promover a aprendizagem na coletividade. Foi muito satisfatório observar o engajamento delas ao trabalhar em grupo; quando uma não conseguia realizar a atividade sozinha, pedia ajuda às colegas, demonstrando um ambiente de apoio mútuo e solidariedade. Além disso, essa dinâmica colaborativa não apenas facilitou a realização das tarefas, mas também fortaleceu os vínculos entre elas, promovendo um sentimento de pertencimento e empoderamento. As interações durante a oficina mostraram como a troca de saberes é essencial, evidenciando a importância da sororidade em contextos de vulnerabilidade.

Figura 5: Imagens da confecção do caderno



Foto: Emanuely Barbalho da Silva (2024)

Referências

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O simbolismo dos adinkra. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Cogobó, 2022. 168p.

O QUE é Sankofa? Série Adinkras EP.01. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (5 min 54). Publicado pelo canal Aza Njeri. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=3wOAVLIKhZU&list=PL1GWsw8_CTvSc5TBjDHv9yWA7OzAoHDGU&index=1. Acesso em: 1 fev. 2024.

OFICINA 10: SANKOFA - TENDA DA RESSIGNIFICAÇÃO

Colaboradora responsável: Caroline de Oliveira Costa.

Tempo estimado: entre 1h a 45 minutos

Sensibilização

Partilha de histórias de vida e contextualização do símbolo “Sankofa”, explorando seu significado de luta e resistência dos povos africanos.

Objetivos

- Propiciar reflexões sobre afetações vividas no âmbito individual, os sonhos da infância e como essas experiências de vida se encontram em semelhanças ou diferenças dentro do grupo;
- Conhecer a filosofia do símbolo africano “Sankofa” para refletir sobre essa relação entre ancestralidade, passado, presente e futuro;
- Conhecer obras de artistas mulheres que trabalham com materiais do cotidiano, colagem, costura e amarrações de tecidos, como fonte de inspiração;
- Produzir uma pintura no campo expandido/colagem de tecidos que, posteriormente, se tornará uma instalação - uma espécie de tenda ou teia aérea com pêndulos, dialogando com a criação de um lugar comum constituído por produções individuais. Este espaço permitirá sonhar e criar novas perspectivas de vida, a partir das realidades já estabelecidas no contexto histórico social.

Materiais

- Tecido base medindo +/- 30 a 40 centímetros quadrado; Retalho de tecido (para colagem e amarrações); Cola de tecido; Caneta (de tecido ou marcador); Artistas para se inspirar: Leda Catunda, Beatriz Milhazes, Rita Isabel Vaz, Kyria Oliveira, Sônia Gomes.

Metodologia

Iniciamos com uma roda de conversa que contextualizou os objetivos da oficina. Durante a roda, apresentamos as seguintes perguntas: Muitas pessoas, na infância, já brincaram de construir cabanas ou casas imaginárias com lençóis e tecidos. Vocês já fizeram isso? Quando crianças, temos a capacidade infinita de sonhar e imaginar, certo? Vamos falar sobre nossos sonhos da infância? Conseguem lembrar quais foram? Quais foram realizados ou não?

Refletimos que, apesar de às vezes ser doloroso lembrar algumas memórias vividas, essas experiências também servem como pontos de partida para criarmos significados em nossas vidas. Ao final das reflexões, destacamos que nessa oficina conheceríamos um símbolo africano que diz muito sobre as memórias do passado e o resgate de sabedorias que podem nos ajudar a construir um futuro melhor. Para apresentar o símbolo “Sankofa”, utilizamos a seguinte definição:

Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de autoidentidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro. (Fiocruz, 2018, n.p.)

Após a explicação do significado da Sankofa, compartilhei com as mulheres minha história de vida, relacionada ao meu ingresso em uma universidade pública, para facilitar a interação e a partilha de experiências pessoais.

Em seguida, propusemos questionamentos para que refletissem, como: A partir dessa simbologia da Sankofa, quais palavras apareceram na sua mente? À medida que falavam, fomos compondo uma nuvem de palavras na lousa, em volta do termo Sankofa.

Apresentamos, então, um material visual na TV com produções de artistas mulheres, como Sônia Gomes, Leda Catunda, Beatriz Milhazes, Rita Isabel Vaz e Kyria Oliveira, que trabalham com tecidos, colagens bidimensionais, esculturas e/ou instalações. Conforme as imagens eram apresentadas, conversamos sobre aquelas materialidades e as possibilidades do fazer artístico, a partir de elementos do cotidiano artesanal, como os retalhos de tecidos.

Após a apresentação das imagens, fizemos a exposição de uma produção individual de colagem em tecido, utilizando elementos relacionados aos sonhos de infância e/ou possibilidades para o futuro, sejam figurativos ou não. As palavras que surgiram na nuvem foram transcritas para o tecido.

O tecido suporte teve uma medida de +/- 30 a 40cm quadrados, podendo variar devido à sua origem, uma vez que podiam ser retalhos doados. Nas bordas do tecido, foram feitos furos onde elas puderam amarrar os retalhos uns aos outros, formando uma grande tenda ou teia, simbolizando que nossos anseios e sonhos estão todos conectados.

Esse resultado coletivo foi exposto como parte de decoração na culminância do projeto.

A expografia dessa produção ocorreu na parte aérea do pátio, e houve uma breve mediação para resgatar a memória da feitura desta obra, despertando os saberes artísticos e colocando-as no lugar de protagonistas de suas vidas.

Reflexão Final

A proposição reflexiva a partir de uma “brincadeira da infância” de construir cabanas com lençóis gerou um grande engajamento entre as participantes. As artistas apresentadas desempenharam um papel crucial como fonte de inspiração, estimulando a criatividade do grupo. A liberdade na escolha dos formatos do tecido proporcionou maior autonomia para as participantes, permitindo que imaginassem e criassem suas próprias formas e composições dentro dos limites estabelecidos.

Embora algumas participantes do segundo grupo tenham se mostrado inseguras quanto ao que fazer, oferecemos três exemplos distintos de possibilidades criativas. Essa abordagem ajudou a reforçar que não existiam regras rígidas, valorizando a diversidade de resoluções e a expressão individual.

A experiência resultou em um ambiente colaborativo e encorajador, onde cada mulher pôde explorar suas próprias ideias e se sentir parte de um processo criativo coletivo.

Figura 6: Processo de separação dos materiais para a oficina “tenda da ressignificação



Foto: Depen-PR (2024)

Referências

- NASCIMENTO, Elisa Larkin. O simbolismo dos adinkra. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cogobó, 2022. 168p.
- PINTO, Rafaela da Rocha. Acúmulo das possibilidades: recortar e colar através da costura. 2020. **Monografia** (Graduação em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- PROJETO Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais. **Portal Fiocruz**, Rio de Janeiro, 10 out. 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 10 maio 2024.
- VAZ, Rita Isabel; PANEK, Bernadette Maria. Tecendo memórias, atraindo olhares: a apropriação de padrões ornamentais e decorativos na expressão artística. **Art & Sensorium: Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 322-337, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/1796/1291>. Acesso em: 10 maio 2024.

OFICINA 11: QUIZ - CONHECIMENTOS SOBRE SAÚDE MENTAL

Colaboradora responsável: Emanuelly Barbalho da Silva.

Tempo estimado: entre 45 minutos e 1h

Sensibilização

Ação de acolhimento: Alongamento do corpo.

Assim que o grupo chegou, iniciamos a oficina com uma sessão de alongamentos simples, com música ao fundo, para estimular o movimento do corpo e incentivar a adesão à dinâmica seguinte.

Objetivos

- Tratar sobre a importância da saúde mental e fornecer estratégias práticas para promover o bem-estar emocional e psicológico.

Materiais

- Dois objetos qualquer; Duas mesas; Papel e caneta; Perguntas impressas em folha sulfite

Metodologia

Dinâmica: Jogo de Perguntas e Resposta

Procedimentos: Inicialmente, imprimimos as perguntas, dobramos e embaralhamos para sortear no momento da dinâmica. As participantes em dois grupos, posicionados nos dois extremos do pátio. No centro, colocamos dois objetos sobre a carteira. Cada grupo escolheu uma mulher para começar a dinâmica, que deveria correr e pegar o objeto.

A participante que pegasse o objeto primeiro, respondia à pergunta. Se a resposta estivesse correta, o grupo marcava um ponto. Caso as duas pessoas não soubessem responder, concordavam em pular a pergunta. Em relação às perguntas foram feitas questões problematizadoras sobre a saúde mental, física entre outras que permeiam a condição da mulher, em especial, da mulher encarcerada.

A dinâmica ocorreu de seguinte forma: a pergunta era feita, seguido de um tempo de 10 a 15 segundos para que as participantes discutissem em grupo, e em seguida, um sinal era dado para que elas corressem.

Após o término do jogo, contamos os pontos para conhecer o grupo vencedor. Em seguida, abrimos um espaço para debate, permitindo que dúvidas fossem sanadas e conclusões importantes fossem realizadas.

Reflexão Final

A dinâmica proposta na oficina de saúde mental revelou-se uma abordagem interativa e envolvente para abordar questões importantes relacionadas ao bem-estar psicológico. Ao criar uma competição saudável e educativa, as participantes foram incentivadas a refletir e discutir estratégias de enfrentamento, autocuidado e outros temas relevantes. A combinação de atividade física, trabalho em grupo e questionamentos estimulou a participação ativa e o aprendizado coletivo. Ao final da dinâmica, as participantes não apenas acumularam pontos, mas também adquiriram reflexões valiosas sobre como promover sua saúde mental, evidenciando a importância de práticas de autocuidado e o apoio mútuo entre elas.

Referências

OLIVEIRA, Vinicius. Dicas para usar um quiz na sua próxima aula. **Porvir**, São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://porvir.org/dicas-para-usar-um-quiz-na-sua-proxima-aula/>. Acesso em: 10 maio 2024.

CULTURAIS: INTEGRAÇÃO E CONFRATERNIZAÇÃO



OFICINA 12: CINE DEBATE: AmarElo - É TUDO PRA ONTEM

Colaboradora responsável: Emanuely Barbalho da Silva.

Tempo estimado: Filme 1h30 – Debate: 30 minutos

Sensibilização

A sensibilização foi iniciada por meio de algumas perguntas: Vocês gostam de assistir filmes? Quais filmes marcaram a vida delas e motivo? Conhecem o Emicida e outros assuntos que foram abordados no documentário?

Objetivos

- Promover discussões sobre filmes;
- Explorar a história do rap e as problemáticas apresentadas por esse estilo musical;
- Contextualizar as desigualdades produzidas em uma sociedade marcada pelo racismo, capitalismo e patriarcalismo;
- Refletir sobre possibilidades de justiça social.

Materiais

- Um projetor e um Notebook.

Metodologia

“AmarElo - É Tudo Pra Ontem” é um documentário musical que se passa na cidade de São Paulo, Brasil. Ele narra a jornada do renomado rapper brasileiro Emicida e sua banda durante o histórico show realizado no Teatro Municipal de São Paulo, em 2019. O filme não apenas capta uma incrível energia e performance musical, mas também explora temas profundos e pertinentes à sociedade brasileira. Ao mergulhar nas letras das músicas, nas entrevistas e na história de Emicida, o documentário destaca questões de identidade, cultura, racismo, desigualdade e resistência, fazendo uma conexão poderosa entre a música e a realidade social do Brasil.

O documentário aborda aspectos importantes para reflexão:

Cultural: O filme destaca a riqueza da cultura musical brasileira e como o hip-hop e o rap se tornaram metodologias de resistência e luta para muitas comunidades marginalizadas.

Social e racial: Ao abordar questões como o racismo e a desigualdade social, o documentário serve como um veículo para promover a conscientização e o diálogo sobre problemas urgentes da sociedade.

Artística: O filme captura a magia do show ao vivo e a habilidade de Emicida e sua banda de conexão com o público, mostrando a música como uma forma poderosa de expressão artística.

Inspiracional: "AmarElo" pode inspirar jovens artistas, provocando mudanças e promovendo consciência crítica em corpos que resistem a diversos tipos de opressões.

A facilitadora iniciou o debate abordando alguma cena que mais a impactou, citando elementos destacados nos parágrafos anteriores. Após a exibição do documentário, foi formada uma roda de conversa, onde as

participantes foram estimuladas a expressar suas opiniões e pontos de vista sobre o filme, com o incentivo constante das facilitadoras para a participação, por meio de um espaço acolhedor de escuta sensível.

Reflexão final

O documentário nos lembrou do poder transformador da música e da arte, destacando como o hip-hop se conecta com a cultura brasileira. Ressaltou questões sociais como o racismo e a desigualdade, além de nos inspirar a usar nossa voz para provocar mudanças positivas. Saímos dessa discussão com a compreensão de que a cultura e a música têm o poder de unir, transcender fronteiras e criar impacto social.

Referências

POEMA: o tempo, de Mário Quintana. **Prosped**, [Campinas], 7 dez. 2017. Disponível em: <https://prosped.com.br/arte/poema-mario-quintana-o-tempo/>. Acesso em: 9 out. 2023.

PYL, Bianca. AmarElo – é tudo pra ontem – sem esquecer o que é o Brasil de hoje! **Le Monde Diplomatique Brasil**, [São Paulo], [2023]. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/amarelo-e-tudo-para-ontem-sem-esquecer-o-que-e-o-brasil-de-hoje/>. Acesso em: 9 out. 2023.

OFICINA 13: CULTURAL I: CONFRATERNIZAÇÃO DE FINAL DE ANO

Colaboradoras responsáveis: Todas as colaboradoras

Tempo estimado: 1h

Sensibilização:

Exposição de Arte dos artistas Zeh Palito e Alexandre Maxwell.

Objetivos:

- A atividade de ação cultural visou promover interações sociais, culturais e artísticas, com a finalidade de criar momentos de descontração, sociabilidade e reflexão entre as participantes. Esse espaço contribuiu para saúde física, psíquica e emocional das mulheres.

Materiais

- 1 caixa de som; Notebook; 2 microfones; 1 mesa grande; tecidos de chita.

Metodologia

Realizamos duas ações artísticas. A primeira foi uma exposição de arte intitulada “Consciência por trás das grades”, da artista Alícia Gomes. O segundo momento foi dedicado à arte da discotecagem, com músicas selecionadas pelas mulheres. Esse momento foi muito importante, pois promoveu a confraternização e a integração entre asicineiras e as mulheres em situação de privação de liberdade.

Reflexão final

A atividade de integração cultural foi fundamental para ativar nossa sensibilidade e reconhecer as sensibilidades de nossos pares por meio das representações artísticas visuais e sonoras. A reflexão dessa atividade transitou para uma reflexão crítica sobre o sistema prisional.

Figura 7: Decoração da oficina “Cultural I” na Cadeia Pública de Santo Antônio da Platina



Foto: Depen-PR (2023)

Artistas para se inspirar

@maxwell_alexandre (instagram); @zehpalito (instagram)

OFICINA 14: BATUCADA - PERCUSSÃO ENQUANTO MEIO DE EXPRESSÃO, REIVINDICAÇÃO E LIBERTAÇÃO SOCIAL

Colaboradora responsável: Muriel Luvison Nunes da Silva e Caroline de Oliveira Costa

Tempo estimado: 1h

Sensibilização

A oficina utilizou um vídeo da Marcha Mundial das Mulheres para sensibilizar as participantes sobre a potência desse movimento para questionar a sociedade cisheteropatriarcal, capitalista e racista.

Objetivos

- Conhecer a Marcha Mundial das Mulheres, suas reivindicações e ações políticas pautadas na re-apropriação e ressignificação dos elementos que oprimem as mulheres;
- Apresentar questões sobre o sexismo;
- Produzir instrumentos a partir da reciclagem de embalagens de produtos de limpeza;
- Introduzir à percussão (ritmo previamente definido: Funk);
- Criar músicas no coletivo para apresentação na oficina Cultural de encerramento do projeto.

Materiais

- Embalagens (galões) de produtos de limpeza; Garrafinha pet; Grãos (feijão, arroz, milho, areia, entre outros); Tecido de Chita para decorar os tambores; Folhas suítes para escrita de frases; Canetas marcadoras.

Metodologia:

Iniciamos com a apresentação da música “Mulheres”, que ficou famosa na voz de Martinho da Vila (versão feminista), e conversamos sobre as mudanças realizadas na letra da música pelas artistas Doralyce e Silvia Duffrayer.

Em seguida, fizemos um alongamento corporal, vinculado com exercícios de respiração, para promover o relaxamento corporal. No terceiro momento, apresentamos a Marcha Mundial das Mulheres, demonstrando sua história, lutas e reivindicações políticas.

Em seguida, explicamos a proposta da oficina, que consistiu na composição de uma música coletiva e na feitura dos instrumentos a partir de elementos reciclados. Começamos compondo a música a partir da seleção de palavras e frases sugeridas pelas mulheres de maneira coletiva. Depois, dividimos as mulheres em 3 grupos: canto, caixa e chocalho. Cada grupo ficou com uma colaboradora do projeto para auxílio e desenvolvimento do enredo.

Uma possibilidade foi utilizar a música do MC Marcinho “Eu só quero é ser feliz” e outras tocadas em batucada, ou alguma sugerida pelas próprias mulheres.

Reflexão Final

A oficina proposta foi um meio de promover o acesso ao conhecimento e formas de reivindicação dos direitos das mulheres, de maneira organizada e artística. Ao finalizar a oficina, percebemos o quanto a

música e a batucada são importantes meios de expressão que possibilitam transmutar e sistematizar anseios. Além de conhecer e aprender a confeccionar e tocar os instrumentos que compõem a batucada, houve o desenvolvimento do exercício da escrita de letra/verso musical. Por meio da composição coletiva, foi possível promover novas possibilidades de politização, reconhecimento do sexismo e formas de resistência e reivindicação de direitos.

Referências

BATUCADA feminista. Marcha Mundial das Mulheres, [São Paulo], [2024]. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/batucada-feminista/>. Acesso em: 12. Jun, 2024

BATUCADA de la marcha mundial das mulheres en la jornada por la democracia y el neoliberalismo. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (1 min16). Publicado pelo canal de fogón en fogón. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7I2yLScPvI&t=1s>. Acesso em: 15. Jun, 2024

OFICINA 15: CULTURAL II – FECHAMENTO

Responsáveis pela criação: Todas as colaboradoras

Tempo estimado: 1h30

Sensibilização

Utilizamos as discotecagens e composições realizadas na oficina de número 14, “Batucada: percussão enquanto meio de expressão, reivindicação e libertação social”.

Objetivos

- Conforme apresentado anteriormente na primeira oficina cultural, a atividade de ação cultural visou Promover interações sociais, culturais e artísticas, a fim de buscar momentos de descontração e reflexão entre as mulheres de privação de liberdade.

Materiais:

- caixa de som; 1 Notebook; 2 microfones; 1 mesa grande; tecidos de chita; Instrumentos confeccionados na oficina de batucada.

Metodologia

Foram realizadas ações artísticas, incluindo a arte da discotecagem com músicas selecionadas pelas mulheres em privação de liberdade e a apresentação das músicas feitas na oficina de batucada. Esse momento foi totalmente dedicado à confraternização, sociabilidade e à integração entre as oficinas integrantes do projeto e as mulheres em situação de privação de liberdade.

Reflexão final

A atividade de integração cultural foi fundamental para ativarmos nossa sensibilidade e reconhecermos as sensibilidades dos nossos pares por meio das representações artísticas visuais e sonoras. A reflexão dessa atividade transitou para uma reflexão crítica sobre o sistema prisional.

Considerando que o projeto tinha uma data estipulada para o fim das atividades, acreditamos que o objetivo de encerrar o ciclo com outra experiência cultural também serviu como uma avaliação do projeto e de seu percurso, retomando em um ambiente descontraído algumas das discussões que foram importantes. Relembramos as atividades e expusemos as obras criadas nas oficinas de produção artística e musicais, possibilitando que as mulheres visualisassem e valorizassem suas criações

Figura 8: Tenda de resignificação

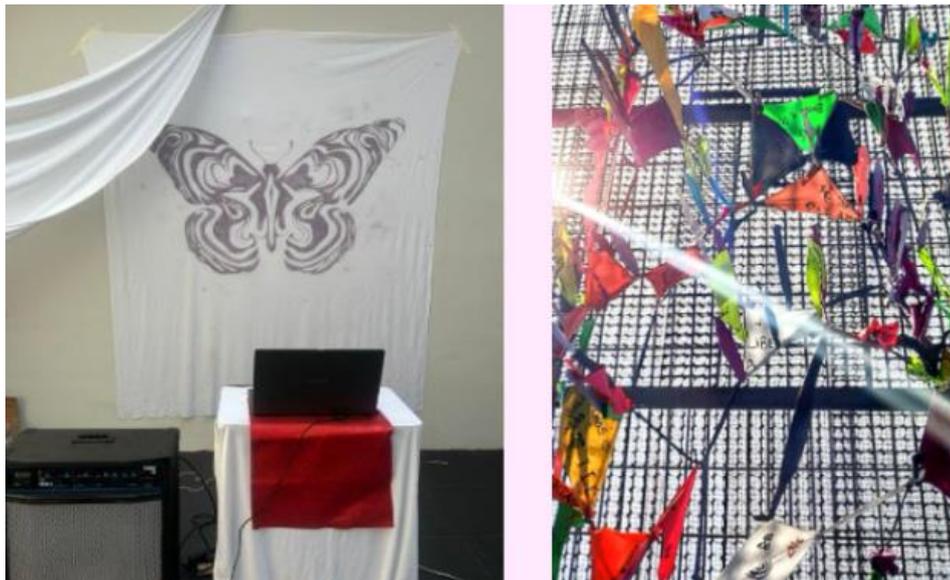


Foto: Depen-PR (2024)

Referências

- AGEPEN – AGÊNCIA ESTADUAL DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO. **1º Festival da Canção estimula autoestima e disciplina em detentos da penitenciária de Dois Irmãos.** Campo Grande: AGEPEN, 2015. Disponível em: <https://www.sejusp.ms.gov.br/1o-festival-da-cancao-estimula-autoestima-e-disciplina-em-detentos-da-penitenciaria-de-dois-irmaos/>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- BATUCADA feminista. **Marcha Mundial das Mulheres**, [São Paulo], [2024]. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/batucada-feminista/>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- OPERAÇÃO lambe-lambe. **Marcha Mundial das Mulheres**, [São Paulo], [2024]. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/batucada-feminista/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

NOSSAS REDES



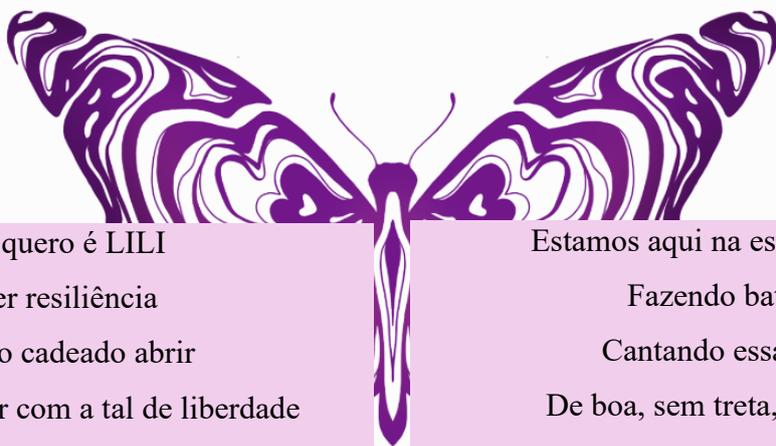
@gradesemtransg



gradesemtransgressao.uel@gmail.com

APOIO





O que quero é LILI
Vou ter resiliência
Quando o cadeado abrir
Vou poder sonhar com a tal de liberdade
Quando o alvará cantar

Poesia, Mulheres Privadas de Liberdade em
Santo Antônio da Platina, 2024.

Estamos aqui na escola da prisão
Fazendo batucada
Cantando essa canção
De boa, sem treta, só distração
As meninas da UEL, chegando para soma o
bagulho
Vai fica loco
O chicote vai estrala
Vem curtir essa também, meu irmão
Liberdade é a meta
Humildade a Solução

Poesia, Mulheres Privadas de Liberdade em
Santo Antônio da Platina, 2024.

Vocês são Luz!

Uma breve rima para Somaria, mas o que não podemos decha de fala “ que não vemos à hora da nossa liberdade cantar!” E não podemos decha de lembrar do pessoal da UEL que sempre vem nós visita e é sempre pra Soma! E hoje é uma breve despedida, mas de vocês nós sempre iremos lembrar aqui na penitenciária! Vocês são gente da gente, chapa quente que Deus abençoe vocês imensamente. Aqui tudo é feio e escuro e com vocês é luz! Vai ficar marcado e registrado por nois [...] será sempre lembrados! Aqui somos abandonados e poco lembrados, mas nada como um dia após o outro dia! E não podemos deixa de citar da Prof. Daniela que sempre está ai pra nos ajuda! E pro pessoal da UEL nós tiramos o chapéu. Pessoal da UEL só para lembrar. Onde vocês forem vocês irão brilhar. Temos fé que tudo isso vai passar, e boas lembranças de vocês iremos levar! Isso são breves palavras resumidas de nós [...], que pessoas como vocês sempre serão lembradas por onde passa! Peçamos a Deus para sempre abençoar.

Rima, Mulheres Privadas de Liberdade em Santo Antônio da Platina, 2024.



**GRADES EM
TRANSGRESSÃO**

